

# Sarney: 20 anos de poder

17 SET 1985

## Maranhão festeja geração que o transformou

**LEONARDO MOTA NETO**  
Da Editoria de Política

São Luís — No próximo dia 3, a família política do presidente Sarney comemorará seus 20 anos de eleição para o Governo do Maranhão. A data tem uma especial significação: representou a chegada ao poder de uma geração que filosofava, entregava aos projetos de resgate dos pobres, miseráveis e ofendidos de todas as espécies.

Quando o jovem de 35 anos pôs os pés no Palácio dos Leões, uma velha e admirável construção pontificando na Baía de São Marcos, guarnecido pelo Fortim de São Cosmes e São Damião, a família política de Sarney teve um momento de fulguração: os que sonhavam arrancar o Maranhão do atraso chegavam ao poder, trazidos pelo sonho visionário de um homem seco, de poucas palavras, olhar certo sobre os óculos caídos, atento ao método da escrita, e que liderava o clã intelectual de jovens trovadores e jornalistas maranhenses no primeiro quartel dos anos 50.

— Sarney precisa ser deputado.

Foi a sentença de Bandida Tribuzzi — poeta, filósofo, matemático, curioso de todas as humanidades, introdutor da poesia de Fernando Pessoa no Maranhão, formado em Coimbra e fugitivo de um convento do qual trouxera as trovas européias que iriam encantar seus prosélitos maranhenses.

E o "José do Sarney" — como assinava ainda suas trovas, como na "Canção Inicial", livro dos 22 anos — foi deputado. Quando chegou ao Palácio dos Leões, já tinha organizado um programa de governo ao longo dos torneios intelectuais com Tribuzzi e sua família política: estradas para integrar o Maranhão, educação e saúde para os pobres, e prioridade à agricultura. A campanha fora difícil e renhida. O jovem governador a fizera em clima de um velho "jeep" Willys, dirigido por um estudante, também identificado por Bandida Tribuzzi para integrar a geração do poder renovatório do Maranhão — o atual governador Luiz Rocha.

Nos anos 60, o visionário Tribuzzi havia mandado fazer um "retrato falado" no *Jornal do Dia*, numa seção chamada "Muro de Vidro", em que apresentava o acadêmico de Direito Luiz Rocha como um homem de muito futuro, que iria chegar a governador.

Hoje no Governo, no Palácio dos Leões que abrigou Sarney, Luiz Rocha segue a mesma linha de Tribuzzi: está asfaltando todo o Estado, levando o betume a municípios e regiões que jamais o viram chegar, e restando o homem no próprio interior, pela água, pela frente de obras (como em Carolina, antiga cidadecemitério que virou sede de uma usina de asfalto, gerando centenas de empregos) e pela presença da parteira nos centros sociais, para evitar a busca da cidade.

— Tudo isso foi pensado pelo Tribuzzi — é Luiz Rocha quem aponta, como a confirmar a máxima de que os mortos governam os vivos.

Tribuzzi não veria seu discípulo, o atual governador, chegar ao Palácio dos Leões, como vira Sarney. Em 77, um grito de paixão pelo seu clube de futebol, que lhe fazia rouca a alma — o Moto Clube —, o prostrou com um enfarte. Era um gol no último minuto, no velho estádio, o que parecia com o povo. Um dia depois, na UTI, Tribuzzi morreria, sem antes pegar na mão de Luiz Rocha, como que num gesto final: "Vá e continue".

### A FAMÍLIA POLÍTICA DE SARNEY

Sarney está no centro de uma espécie de sistema solar: lidera um movimento

de renovação de métodos e costumes na política, na literatura, no modo de ver e de ler o Maranhão. Agora tenta aplicar à frente do poder central, ao qual chegou sem pedir e sem disputar, suas qualidades de conciliador, mas também de feroz combatente por idéias de transformação.

O clã, família, grupo ou geração de Sarney domina todos os setores da vida pública do Maranhão, demonstrando que os seus integrantes vieram para ficar. Ao presidente da República, esses seus amigos de lutas se referem com admiração e carinho, desde o Senado da Praça, a velha instituição cospe-fogo de São Luís, ao interior sofrido, começando por Pinheiro, cidade natal, que mostra semidestruída pelas últimas violentas águas a casa simples em que o Presidente nasceu.

— Há coisas que só dão certo para o Sarney.

E o governador Luiz Rocha que mostra: Sarney tem o verdadeiro prazer de perdoar, dando a outra face aos adversários e inimigos. E conta inúmeros casos de agravos pessoais, imperdoáveis para qualquer outro, mas que o conciliador José Sarney esquece, aplaca, ternura. "Isso só funciona nele — avverte, porém —, pois vá um de nós perdoar um de nossos inimigos locais..."

E visto também como um político de sorte, mágica ventura para a confirmação do destino. Presdígadores, videntes, a gente dos oráculos e do Tambor de Mina, os pressagos de todas as espécies, creditam a Sarney uma estúpida sorte confirmatória. As lendas há muito povoam a ilha de São Luís, a respeito desse dom (como tantas outras lendas que percorrem a barroca cidade, como a da carruagem da heroína Ana Jansen, que ainda hoje é vista aos galopes passando à noite por becos e ruelas desertas).

Sebastião do Coroadó é um deles: conhecido por seus dotes de vidência, há anos assegurava que José Sarney chegaria à Presidência. Ninguém acreditava — não por Sarney —, mas pela previsão de brevidade. Moacir Neves, dono do Hotel São Francisco, também fez suas antecipações sobre o destino de Sarney, quando ainda tudo era hipótese sobre a sucessão do general Figueiredo.

Nessa magia de vidências, há também antigos adversários de Sarney que enxergam o futuro pela arte da quiromancia política. O velho ex-deputado Bayma Serra, hoje assessor do prefeito Mauro Fecury no Palácio da Prefeitura, líder da oposição ao tempo de Sarney governador, prepara-se para lançar um livro que deverá marcar época no Maranhão: "Memórias de um Pai d'Água Aposentado". Nele, um dos capítulos é dedicado à remota previsibilidade da carreira fulgurante do atual Presidente da República.

O Maranhão é uma terra em que os astros e a sorte são a cada momento cultuados nas superstições e nos monumentos em forma de pirâmide que invadiram São Luís, desde o dedicado ao herói Bequimão, que liderou revolta popular na última parte dos anos 1.600 contra a Companhia de Comércio trazida pelos portugueses para explorar os maranhenses, sendo depois traído, morto por enforcamento, sem antes, em pleno patíbulo, gritar que pelo Maranhão morreria contente.

A pirâmide, numa pequena forma de madeira, também é vista pousada na mesa do prefeito Mauro Fecury.

— Mandel espalhar por toda a cidade. Dá sorte.

### O MONUMENTO A SARNEY

A família política do Presidente prepara-lhe uma peça, na extensão da palavra: um monumento, para

ficar pronto e inaugurado ainda este ano. Numa terra elegiaca, de grandes vultos, não soa como culto à personalidade, mas como prenda da cultura maranhense. Afinal, o então governador João Castelo, embora sendo hoje o único dos antigos companheiros de Sarney que se considera insusceptível de qualquer projeto de reintegração ao antigo clã, fez pregar na entrada popular do Palácio dos Leões uma placa em que recorda: "Este Palácio foi restaurado no Governo feliz do escritor José Sarney, 1965-1970".

Seria apenas a primeira placa. Agora, o Presidente ganhará um monumento e uma praça: divisando o monumento a Gonçalves Dias e provavelmente fitando-o num torneio de vates em chumbo, será erguido um de 16 metros de altura, por iniciativa do prefeito Fecury, que abrirá conjuntamente ao povo a Praça José Sarney. A base do monumento terá 10 metros, com relevos em torno, demonstrando fases históricas do atual Presidente: sua campanha para governador no "jeep" Willys, com Luiz Rocha na direção; os amigos Bandida Tribuzzi e Odylo Costa, filho. A família — dona Klóla, sua mãe, dona Marly, os filhos Fernando, Roseana e Sarney Filho. No alto, a estátua, de 6 metros de altura, que o professor Morroni, mestre da estatuária em São Paulo, está finalizando.

— Sarney vai aparecer vestido de presidente.

E o que Fecury antecipa. "Se fosse de acadêmico daria muito trabalho, pelos detalhes do fardão".

A praça será aberta no antigo eixo viário de São Luís, bem junto ao Rio Anil. Quando inaugurada — em dezembro, ao que se espera, pois o prefeito, um "sarneizista" ortodoxo, espera sair da prefeitura nesse prazo — a estátua terá a semelhança de um mirante.

### O MIRANTE DA PRAIA DO CALHAU

O mirante é uma tradição da cultura maranhense. O casario colonial a incorpora, como um arremate secular, lembrando que a vigilância do alto é um destino maranhense. O mirante domina a casa simples e vetusta dos Sarney, na praia do Calhau, olhando para o mar, em São Luís. Casa de livros, de santos barrocos de vários séculos, de jardins internos empalmeirados.

Na biblioteca, que se assemelha a um lance da biblioteca Universidade de Coimbra (influência de Tribuzzi?), as brasileiras, os livros de Direito, os livros de esoterismo. A frente da casa, antes do portão de bronze alto (é toda cercada de muros altos), um pé de ipê-roxo dá a marca da superstição: numa casa maranhense protegida pela folhaceia de cor roxa não entra mal olhado.

O mirante era para divisar o mesmo mar que fez naufragar, de revolto, as esquadras mandadas pelo Rei de Portugal para colonizar o Maranhão, e foram duas as expedições tragadas pelo Boqueirão. Mas o mirante da casa dos Sarney — onde vive seu filho Fernando e sua mulher Tereza, irmã de Jorge Murad, por sua vez, seu genro — hoje não é aberto pelo entulho de livros que passou a conter.

A casa maranhense do Presidente é muito simples, sem qualquer luxo, e o quatro da neta Andréia é especialmente assinalado, em seu brasão de princesa. Dona Klóla mora num sobrado no centro de São Luís, ascético.

Pela intensidade das chuvas que se abateram sobre o Maranhão, a praia do Calhau, em frente, está inacessível: uma imensa erosão torna a pista de asfalto um risco para os motoristas e pedestres. O projeto Fecury já mandou consertar. Hoje, o litoral de São

Luís é um festim de máquinas, implantando o complexo litorâneo de 24 quilômetros que o governador Luiz Rocha mandou fazer, não só para interligar as praias, mas para abrir aos maranhenses o memorial que terá o nome de Bandida Tribuzzi, em que será narrada a história cultural do Estado.

— Quero que os maranhenses conheçam nossa história de pés descalços, como quem vai à praia, no memorial que mostrará o patrimônio da nossa cultura — promete Rocha.

E anuncia que mandou editar um livro póstumo de Tribuzzi: "Da conveniência de ser um deputado conveniente". Garganta de fogo, o poeta e jornalista queria mostrar quão repelente é a arte da sabujice política, e quão desfigurada é a vontade da tração. Uma última lição do túmulo?

### O QUE O PRESIDENTE FAZ PELO ESTADO

José Teixeira, chefe do Gabinete Civil do governador, jovem administrador de empresas, formado na Fundação Getúlio Vargas do Rio, e que já passou pelas secretarias de Planejamento e Fazenda nessa atual gestão, é uma extensão geracional das idéias de Sarney-Tribuzzi-Rocha. Ele é quem gere os recursos para os investimentos públicos no Estado, penalizado no começo do atual governo pela guitarra do empreguismo do antecessor, que fez elevar de 20 para 72 mil o número de funcionários públicos.

— Os primeiros dois anos foram para consertar, e agora para investir, com a ajuda do Presidente, que destinou recursos para o Plano de Emergência do Nordeste, com dinheiro inteiramente novo, e de rubrica própria. O Maranhão ganhou 33 por cento dos recursos.

Há, por isso, uma febre de novos investimentos públicos no Estado. Teixeira, autor do plano de metas do Governo (seu lema político é "Tudo pelo Maranhão"), seguiu as grandes linhas tribuzziianas.

— Temos recebido muita ajuda dos ministros. E cita: Pedro Simon, Flávio Peixoto, Afonso Camargo, entre outros. O Presidente fala todos os dias com o governador, pelo telefone. O Maranhão, com várias frentes de obras de estradas (o governador, na quarta-feira, assinou contratos para pavimentar, recuperar e implantar novos eixos rodoviários, o maior volume de dinheiro já aplicado no Maranhão e numa unidade federativa para esse fim) recebe recursos inéditos do Governo Federal.

— O que desejamos agora é que o Plano de Emergência, com 18 meses, seja prorrogado por mais tempo, depois de dezembro — conclui José Teixeira.

O Presidente poderá ouvir o pleito, tanto quanto ouviu há dias, um outro, do presidente da Academia Maranhense de Letras, o jornalista e escritor Jomar Moraes: trazido a Brasília pelo arguto, correto e bem informado jornalista Pergentino Holanda, titular há anos da coluna "PH", do *Jornal O Estado do Maranhão* — da família Sarney —, Jomar descobriu uma rubrica especial na Seplan, que dava abertura à reconstrução do velho prédio da academia. Foram ao Presidente. O próprio Sarney desconhecia essa possibilidade, e determinou ao ministro João Sayad a liberação dos recursos: eram para a cultura. O dinheiro demorou um pouco a chegar a São Luís, quase tragado, como a frota do rei de Portugal, pelas águas do Boqueirão da burocracia. Bastou um telefonema do imortal Jomar e do jornalista PH, para que, afinal, o ministro Sayad se convencesse que os recursos diziam respeito não aos cofres do Maranhão, mas à alma do Presidente.

Uma alma de escritor na Presidência, resgatando o espírito de sua geração.